

A Orla de Atalaia em Aracaju/SE e seus equipamentos de esporte e lazer como problemática de pesquisa: levantamento e discussão dos dados

D. S. Mendes¹; S. D. D. Ribeiro²; C. Mezzaroba²; A. C. Santos²; P. Aragão³; L. C. P. Garcia²; T. S. Oliveira²; S. M. Santos³

¹DCEFS, UFSJ, 36307-000, São João Del Rei-MG, Brasil.

²DEF, UFS, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil.

³PPGEF, UFSC, 88000-000, Florianópolis-SC, Brasil.

cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

(Recebido em 13 de fevereiro de 2013; aceito em 24 de agosto de 2013)

O presente estudo analisou a infraestrutura de esporte e lazer da Orla da praia de Atalaia em Aracaju/SE, entre maio e dezembro/2010, no qual se identificou as condições de manutenção, acesso e uso dos equipamentos de esporte e lazer desse espaço. Os dados indicam a predominância de equipamentos esportivos de lazer, em detrimento dos infantis e culturais; um processo gradativo de privatização de alguns equipamentos públicos; a ausência de projetos e políticas públicas de incentivo ao pleno acesso da população aos equipamentos; estrutura diversificada de suporte ao lazer, mas com deficiências em relação aos banheiros e transporte públicos e segurança no local. As conclusões indicam a necessidade do estado de Sergipe e do município de Aracaju reavaliarem e ampliarem as políticas públicas de esporte e lazer neste espaço, para garantir o pleno acesso da população local, e não apenas aos turistas e às classes mais abastadas.

Palavras-chave: Equipamentos de Esporte e Lazer; Políticas Públicas; Orla de Atalaia Aracaju/SE.

The Margin of Atalaia Beach at Aracaju/SE and its equipments of sport and leisure as the search problem: survey and discussion of data

The present study examined the sport and leisure infrastructure of the margin of Atalaia Beach at Aracaju/SE, between the period of May and December/2010. We identified the conditions of maintenance, access and the use of the sport and leisure equipments. The data indicate the predominance of recreational sports equipment, over the children and cultural equipment; a gradual process of privatization of some public facilities; the lack of projects and public policies to encourage the full population's access to the equipments; the diversified structure of leisure support, but with some disabled toilets and public transport and safety on the local. The conclusions indicate the need for the state of Sergipe and Aracaju City reassess and expand the public policies of sport and leisure in that area, for the purpose of ensuring full access of local population and not only to tourists and wealthier classes.

Keywords: equipments of sport and leisure; public policies; Margin of Atalaia Beach/SE.

1. INTRODUÇÃO

A nova Orla da Praia de Atalaia (OA) em Aracaju/SE se constitui em um cartão postal da cidade. Reformulada com diversos equipamentos para as práticas esportivas e de lazer, configura-se como um local “ideal” no tocante as opções de lazer para os aracajuanos e turistas que visitam a cidade.

Este espaço é considerado atualmente uma das mais belas e equipadas orlas do país, sendo totalmente preparado para o turismo, lazer e entretenimento. Com 6 km de extensão, tem iluminação para uso noturno, espaços culturais e um complexo de bares e restaurantes. Possui equipamentos de ginástica, banheiros, ciclovias com mais de 5 mil metros de extensão, parques infantis, passarelas de acesso à praia ao mar, espaço tenístico com 12 (doze) quadras, espaço de vôlei de praia, campo de futebol *society*, complexo de esportes radicais com pista de *skate*, rampa vertical (*half pipe*) e parede de escaladas, estacionamento com capacidade de 1.359 automóveis, além de um Centro de Arte e Cultura de Sergipe com 1.610 m², que abriga 48 boxes. Os boxes são espaços e salas, para venda de diversos produtos da arte e da culinária

regional, como quadros, peças em madeira, cachaça, licor etc. O espaço dispõe ainda de bancas de revistas, refletores de luz, telefones públicos, placas de informações, fontes luminosas, delegacia para turista, lagos, rede hoteleira, monumentos históricos, pista de motocross e kartódromo¹, entre outras.

Apesar da OA constituir-se como um espaço eminentemente público, diferentes equipamentos de esporte e lazer encontram-se marcados pela lógica da privatização, a exemplo das quadras de tênis, do kartódromo, o oceanário, a pista de motocross e outros, que são administrados por entidades privadas. Diante de tal fato, parte da população local encontra dificuldade de acesso a bens e práticas situadas na Orla (como restaurantes mais caros, empresas de turismo que fazem os roteiros locais/estadual, pista de kart e de motocross).

Neste sentido, julgamos que era necessária uma investigação das condições estruturais de acesso da população, bem como a implantação de políticas públicas na OA. Desta constatação inicial surgiu o “Projeto Orla”, uma proposta de estudo sobre a infraestrutura, ocupação, acessibilidade e políticas públicas de esporte e lazer da Orla de Atalaia, em Aracaju, visando identificar pontos que possam sugerir melhoria da qualidade do serviço oferecido à sociedade, especialmente pelo setor público.

O projeto foi elaborado para ser desenvolvido a partir de três eixos centrais: (I) O levantamento e a análise dos equipamentos de esporte e lazer situados na Orla de Atalaia (suas condições estruturais e ocupação); (II) Identificação e análise dos grupos (“tribos”) frequentadores da Orla (formas de apropriação dos equipamentos, demandas e significados atribuídos a esses por grupos específicos); (III) A gestão e políticas públicas da/para Orla de Atalaia (relação entre esfera pública e privada, políticas públicas para esporte e lazer).

Vale ressaltar, ainda, que o trabalho foi desenvolvido com financiamento da Rede Cedes/Ministério dos Esportes e contou com dois bolsistas e cinco estudantes voluntários do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe no recolhimento dos dados.

O presente artigo, entretanto, apresenta ao leitor os dados e análises contidos no primeiro eixo do projeto, quer seja, do levantamento e da análise dos equipamentos de esporte e lazer do espaço investigado, bem como suas condições estruturais e forma de ocupação pelo público.

Entendemos que ao administrador público é importante que existam estratégias para identificar e mapear a infraestrutura dos espaços e equipamentos de esporte e lazer e as formas de ocupação, a fim de que seus esforços, no sentido da abrangência do acesso e da qualidade da infraestrutura, possam ser reorientados quando necessários.

Nossa hipótese foi de que, muitas vezes, o processo de mapeamento e identificação dos espaços públicos de esporte e lazer, bem como de seus usos, é negligenciado, especialmente no nordeste do país, onde a carência de efetivas ações no âmbito das políticas de lazer é mais acentuada, seja pelas condições políticas historicamente consolidadas, ou, no caso do litoral (também uma hipótese), pelo fato dos espaços naturais, tais como as praias, serem tomadas como referência de garantia de oferta/acesso ao lazer para população. Esse último fato pode ser um dos pontos nevrálgicos que justificam as ausências de investimento no lazer público, desconsiderando que questões socioeconômicas estão também diretamente relacionadas ao acesso a esses bens naturais, especialmente da população mais carente.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No tocante aos aspectos metodológicos, este estudo parte da perspectiva descritiva de pesquisa, numa abordagem qualitativa. Tem por característica a descrição interpretativa dos sujeitos e das situações envolvidas com o máximo de abrangência e detalhamento sobre os fatos e fenômenos investigados. Seu foco essencial está em conhecer os traços característicos do objeto, as pessoas envolvidas, o espaço, os valores, os problemas etc⁽¹⁾.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação direta do espaço da OA e seus equipamentos de esporte e lazer durante um período de seis meses (maio a outubro de 2010). Devido à extensão do campo de pesquisa, a OA foi dividida estratégica/didaticamente em 3

¹ Informações extraídas do site: <http://www.orladeatalaia.com.br>

setores de 2 Km, aproximadamente, e os pesquisadores divididos em 3 subgrupos, cada qual responsável pela observação de um setor. As observações foram feitas de maneira sistemática, de acordo com a disponibilidade de horário dos pesquisadores, sendo garantido, no entanto, em cada setor, observações repetidas em turnos distintos (diurno e noturno), bem como em dias úteis/finais de semana.

O registro das observações dos equipamentos da OA foi realizado a partir do uso de diário de campo, bem como de registro de imagens com máquina fotográfica digital e da quantificação dos questionários. No tratamento dos dados, todos os elementos dos diários de campo (construído por cada pesquisador) foram digitalizados utilizando os *softwares Microsoft Word*, versão 2007, e a quantificação dos questionários por meio do *Microsoft Excel*, versão 2007. Os dados transcritos foram submetidos à *análise de conteúdo*, a partir da perspectiva de Bardin⁽²⁾ e os dados quantitativos receberam tratamento estatístico descritivo simples.

Além das observações, foram aplicados questionários com questões fechadas a uma parte da população de frequentadores da OA, totalizando uma amostra composta por 151 (cento e cinquenta e um) sujeitos. A aplicação desse questionário foi realizada de maneira aleatória em toda extensão da Orla durante o período de um mês, considerando a disponibilidade de dias e horário dos pesquisadores e bolsistas envolvidos no trabalho. Tratou-se, portanto, de uma amostragem não-probabilística do tipo a esmo ou sem norma, conforme Costa Neto⁽³⁾. Esse é o tipo de amostragem em que o amostrador, para simplificar o processo procura ser aleatório sem, no entanto, realizar propriamente o sorteio ou algum outro tipo de dispositivo aleatório confiável, sendo utilizado nesse caso como critério de seleção o período temporal de um mês.

3. OS ESPAÇOS E OS EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER SITUADOS NA PROBLEMÁTICA DA URBANIDADE

A realização de estudos de mapeamento e análise de espaços e equipamentos de esporte e lazer articulados às perspectivas de desenvolvimento de políticas públicas, embora seja uma tendência crescente na realidade brasileira, ainda necessita de ampliações. A composição de pesquisas com tais características é o ponto de partida para consolidação de um diálogo aberto e rigoroso entre o poder público e as demandas sociais contemporâneas referentes ao esporte e lazer.

Conforme aponta Pinto *et al*⁽³⁾, a partir dos anos de 1980 a produção acadêmica sobre o lazer nos cursos brasileiros de Educação Física foi vastamente ampliada, “sendo criados inúmeros Grupos de Estudos, criados Bacharelados em Lazer no nível de graduação, realizados vários cursos de especialização lato senso, incluídas linhas de pesquisa em Lazer em Cursos de Mestrado e, atualmente, criado o Mestrado – *Strcitu Sensu* – em Lazer na UFMG” (p.50). Esse fato trouxe desdobramentos também para a produção acadêmica vinculada aos estudos de infraestrutura de esporte e lazer. Os estudos que se situam nessa linha começam a surgir no cenário nacional com maior frequência nos últimos anos da década de 1990 e ao longo dos anos iniciais do século XXI.

Antes de entrarmos na discussão específica sobre os espaços e equipamentos de esporte e lazer, buscamos deixar claro que trabalhamos nesse estudo com um entendimento de lazer situado no escopo mais amplo das transformações sociais em curso no mundo do trabalho, centrando-se nas determinações que atravessam a esfera política, especialmente, aquelas relativas à desintegração dos direitos sociais, em que o lazer pode se prestar à educação/formação para a cidadania. Para tal, tomamos como referência o conceito de *lazerania*, empreendido por Mascarenhas⁽⁴⁾, que se refere à:

[...] possibilidade de apropriação do lazer como um tempo e espaço para a prática da liberdade, isto é, para o exercício da cidadania, busca traduzir a qualidade social e popular de uma sociedade cujo direito ao lazer tem seu reconhecimento alicerçado sobre princípios como planificação, participação, autonomia, organização, transformação, justiça e democracia, deixando de ser monopólio ou instrumento daqueles que concentram o poder econômico (p.74-75).

Dito isso, julgamos procedente compreender a problemática dos espaços e equipamentos de lazer na contemporaneidade, a partir de um olhar sobre o processo de urbanização. Para Lefebvre⁽⁵⁾, filósofo e sociólogo francês, em sua obra *O direito à cidade*, a industrialização é um ponto marcante para a apresentação da problemática urbana. O autor aponta que a cidade precede o processo de industrialização, mas esse marca definitivamente a configuração e a lógica urbana.

A organização social das cidades se transforma com a industrialização e o capitalismo, tornando-se lugar de produção e acumulação de bens materiais, bem como de riquezas, conhecimentos, técnicas e obras. Os centros urbanos passam a ser ocupados em grande escala por massas migratórias que abandonam o campo em busca das promessas da vida moderna nas cidades. Os centros das cidades se configuram como espaços comerciais e de oferta de bens e serviços, agregando ao seu redor a burguesia, bem como comerciantes emergentes. É também no centro das cidades que se localizam os espaços de cultura e arte. Isoladas dos centros comerciais, os trabalhadores e recém-chegados se aglomeram nas periferias das cidades, consolidando os bolsões de pobreza e caoticidade urbana.

As cidades, após o processo de industrialização, para Lefebvre⁽⁵⁾, mantêm dialeticamente *valor de uso* (marca característica do que ele chama de “obra”) e *valor de troca* (marca característica do “produto”). O *valor de troca*, aos poucos, contamina a lógica das cidades e de seus espaços, transformando-os em lugar de consumo. Os parques, os centros de cultura e arte, tudo passa a ser pensando em função do consumismo. Surge, então, o que Lefebvre⁽⁵⁾ denomina de áreas ou núcleos, demarcações específicas nos centros urbanos que sobrevivem apenas pelas qualidades estéticas ou possibilidade de lazer: monumentos, espaços para festas, diversão etc.

O núcleo urbano torna-se assim produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a esse duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar (p. 17).

A racionalidade, típica da época, representada pela organização centralizadora do poder na figura do Estado se vê diante da necessidade de tentar (re)organizar as cidades em prol da higienização social (leia-se divisão de classes) e reordenação dos centros urbanos. Segundo Pellegrini⁽⁶⁾, “[...] as classes dirigentes ou dominantes criam estratégias para remanejar a cidade, que são essencialmente estratégias de classe” (p.26). A autora cita como exemplo o caso da reforma urbanística de Paris, no século XIX, em que foram construídos os famosos *boulevards*, amplas avenidas e espaços vazios que varreram as massas populares das regiões de circulação urbana burguesa. Surge na mesma época em Paris, os *habitats*, moradias populares que atendiam a um conceito funcional e abstrato e que geraram uma periferia desurbanizada e dependente da cidade.

Essa lógica de urbanismo dos séculos iniciais do período moderno fez incorporar a noção do *habitat* às cidades. Os espaços urbanos foram sendo preenchidos pela especulação imobiliária, enquanto os espaços para encontros, para festas e agremiações populares foram sendo subsumidos ou condicionados a segundo plano.

A cidade contemporânea guarda em grande parte traços de sua edificação moderna, seja no que se refere à sua arquitetura, ou mesmo quanto à racionalidade que a subjaz. Deste modo, o aumento demográfico populacional presente nas cidades modernas não foi acompanhado do desenvolvimento de infraestrutura adequada, gerando abismos sociais, divisões territoriais entre os centros concentradores de benefícios e a escassez de recursos nas periferias, além descompassos no que se refere à existência, concentração e possibilidade de acesso a espaços e equipamentos de lazer².⁽⁸⁾

² Nesse estudo, consideramos os conceitos de espaço e equipamento de lazer distintamente. Segundo Santini os *equipamentos* se referem aos objetos que organizam um determinado espaço em função de determinada atividade, enquanto o *espaço* é entendido como o suporte territorial/geográfico para os equipamentos. Assim, “conclui-se que é possível se exercer atividades de lazer sem um equipamento, mas não é possível o lazer sem a existência de um espaço”⁽⁷⁾ (p.15-6).

O processo de valorização da cidade enquanto produto diluiu seu *valor de uso*, especialmente no que se refere às perspectivas de encontros humanos, supervalorizando suas potencialidades econômicas, constituindo-a em mais uma mercadoria. Nessa condição, a especulação imobiliária passou a investir numa expansão vertical das cidades, supervalorizando as áreas centrais, que normalmente possuem pouco espaço para construção civil e estimulando o crescimento horizontal. De um lado o poder público é colocado cada vez mais à parte da construção de equipamentos públicos de lazer, dando espaço aos empreendimentos privados, de outro, o aumento da malha urbana dificulta a extensão de recursos às regiões mais afastadas.

Como consequências gerais, temos o isolamento entre os habitantes e desses com a cidade, gerando uma crescente ética individualista. Para Zygmunt Bauman⁽⁷⁾, o indivíduo é o pior inimigo da cidadania e, portanto, das decisões que afetam diretamente a vida da cidade:

O ‘cidadão’ é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade - enquanto o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação à ‘causa comum’, ao ‘bem comum’, à ‘boa sociedade’ ou à sociedade justa’. (p.44)

Constatamos, atualmente, que o cidadão cada vez mais é privado de acesso a bens de lazer, ou, então, se vê exposto a “opções” que impõe restrições à parte da população por questões econômicas, como nos casos dos *shoppings*.

Marcellino⁽⁸⁾ nos lembra que os equipamentos urbanos de lazer, muitas vezes são assumidos pela iniciativa privada apenas como empreendimentos para atrair o consumidor. “As possibilidades oferecidas em termos de lucro são os critérios levados em conta para a construção e manutenção em funcionamento dos equipamentos de lazer” (p.18).

Desta maneira, ao pensarmos nas políticas voltadas ao lazer é preciso considerar a integração de uma rede de equipamentos específicos e não específicos, conforme sugere Requixa (1980) citado por Marcellino⁽⁸⁾:

Como equipamentos não específicos entende os que, na origem, não foram construídos para a prática das atividades de lazer, mas que depois tiveram sua destinação específica alterada, de forma parcial ou total, criando-se espaços para aquelas atividades. [...] Entre esses equipamentos não específicos estão: o lar, a rua, o bar, a escola, etc. Já os equipamentos específicos são construídos com essa finalidade, podendo ser classificados pelo tamanho, atendimento aos conteúdos culturais, ou outros critérios. (p.16)

Outrossim, pensamos que para as cidades hodiernas deve haver uma política de estado, intersetorial (considerando a educação, saúde, esporte etc.), para o âmbito do lazer, que considere, entre outras coisas, a construção e manutenção de equipamentos de esporte e lazer às possibilidades de gestão participativa e popular, políticas de acessibilidade e auto-sustentabilidade, de organização urbana, de redução do tempo de trabalho etc.

4. A LAZERANIA COMO POSSIBILIDADE AMPLIADA PARA ABORDAGEM DO LAZER

A perspectiva da lazerania apontada por Mascarenhas⁽⁴⁾ tem como preocupação central localizar o lazer no escopo mais amplo das transformações sociais em curso no mundo do trabalho, centrando-se nas determinações que atravessam a esfera política, especialmente, aquelas relativas à desintegração dos direitos sociais, em que o lazer pode se prestar à educação/formação para a cidadania. Segundo o autor,

A ideia de “lazerania”, ao mesmo tempo em que procura expressar a possibilidade de apropriação do lazer como um tempo e espaço para a prática da liberdade, isto é, para o exercício da cidadania, busca traduzir a qualidade social e popular de uma sociedade cujo direito ao lazer tem seu reconhecimento alicerçado sobre princípios como planificação, participação, autonomia, organização, transformação, justiça e democracia, deixando de

ser monopólio ou instrumento daqueles que concentram o poder econômico (p. 74-75).

Neste âmbito, o conteúdo lazer não é entendido apenas em sentido estrito, como um bem em si próprio, ao contrário, a lazerania considera o tema em suas inter-relações com as condições históricas, sociais e políticas do contemporâneo, bem como sua relação no contexto de produção capitalista. O conteúdo lazer assume características mais amplas e desafiadoras, para além de uma perspectiva frívola, de manutenção da lógica produtivista e reificadora do capital. Assume-se, portanto, o trato com o lazer em um âmbito educativo e, neste sentido, tensionador dos nexos causais que arrogam este objeto à forma de mercadoria.

O objetivo, neste caso, consiste em buscar consolidar no âmbito do lazer um espaço significativo de formação para a cidadania, especialmente no que toca a mobilização e conscientização popular rumo a uma nova direção política, ao diálogo com saberes, habilidades, métodos, estratégias, experiências dos sujeitos sociais, a fim de que estes reivindiquem direitos, reconheçam determinações e reclamem transformações no tocante a esfera do lazer público, considerando especialmente aqui os elementos referentes aos espaços e equipamentos públicos de esporte e lazer da OA.

Isto implica em um projeto de esclarecimento crítico em relação aquilo que Adorno e Horkheimer⁽¹⁰⁾ classificaram como uma domesticação cultural do tempo livre, devido à consolidação da *indústria cultural*. Segundo estes mesmos autores, a indústria cultural teria como objetivo a determinação, de antemão, de tudo aquilo que os indivíduos devem fazer, ler, consumir e, até mesmo, sentir em seus momentos de lazer (e não só nestes), conforme se vê na passagem abaixo:

Aquilo que em geral e sem mais se poderia chamar de cultura, queria, enquanto expressão do sofrimento e da contradição, fixar a ideia de uma vida verdadeira, mas não queria representar como sendo vida verdadeira a simples existência e as categorias convencionais e superadas da ordem, com as quais a indústria cultural a veste, como se fosse a vida verdadeira e essas categorias fossem a sua medida. (p. 97)

Com isto, os autores pressupõem que a cultura passa a significar a afirmação da realidade existente, pura e simplesmente, sem qualquer referência à dimensão ambígua presente em si, ou seja, à injustiça e à dominação nela presentes.

Neste bojo, a produção capitalista da cultura “tem a função de ocupar o espaço de lazer que resta ao operário e ao trabalhador assalariado depois de um longo dia de trabalho, a fim de recompor suas forças para voltar a trabalhar no dia seguinte sem lhe dar trégua para pensar sobre a realidade miserável em que vive”⁽¹¹⁾ (p.72). Exatamente por este motivo é que o conceito de lazerania vem se comprometer com o direito ao lazer em uma perspectiva emancipatória, buscando a superação das condições materiais do desenvolvimento de atividades de lazer circunscritas “[...] nas lógicas assistencial e emergencial inerentes aos ditos programas de ‘lazer-solidário’ ou ‘lazer-filantropico’, em sua maioria ancorados em ofertas empobrecidas de ‘mercolazer’”⁽⁴⁾ (p. 86).

Portanto, considerando-se este contexto, o que se procura consolidar são práticas de lazer autênticas, desvinculadas de interesses comerciais ou fortemente atreladas à cultura produtivista da sociedade hodierna, em que a própria produção do prazer se encontra intimamente relacionada às condições aquisitivas dos indivíduos, às perspectivas individualizantes e ao consumo como princípio para o entretenimento. Acreditamos que este deva ser o alicerce para a conjugação das propostas de lazer no âmbito das políticas públicas contemporâneas.

5. OS EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER NA ORLA DE ATALAIA

A partir do cruzamento dos dados obtidos nos questionários com os registros das observações de campo, elencamos uma série de características que transpassam os equipamentos de esporte e lazer da OA, considerando seus 6 km de extensão. Diante disso, optamos por iniciar a apresentação de nossos dados pela caracterização do grupo de pessoas que participaram dos

questionários, pois as opiniões sobre as condições estruturais dos equipamentos de esporte e lazer da OA que constam neste estudo estão baseadas nas respostas obtidas desse grupo, bem como pelas observações dos pesquisadores.

A maior parte das pessoas que responderam aos questionários tinha idade entre 15 e 30 anos, 120 (cento e vinte) sujeitos, 19 (dezenove) tinham entre 31 e 50 anos, 6 (seis) tinham menos de 15 anos e outros 6 (seis) tinham mais de 50 anos de idade. Em relação ao sexo, 97 (noventa e sete) eram homens e 54 (cinquenta e quatro) mulheres. A maioria absoluta eram moradores da cidade de Aracaju, 139 (cento e trinta e nove) pessoas, e apenas 12 (doze) residiam em cidades próximas, na região metropolitana da capital. Perguntamos, em nosso questionário, sobre o bairro de residência desses moradores, mas aqui não descrevemos pontualmente. Em relação aos turistas, optamos desconsiderar seus questionários pela questão de os mesmos não terem frequência de visitas à Orla, logo, não avaliariam tão bem tal espaço como os moradores (como trabalhos com amostragem não-probabilística, a esmo, não se pode dizer que o dado indica favorecimento de moradores em detrimento aos turistas, já que dados mais aprofundados estão considerados pelas observações, nos diários de campo).

Com relação à condição financeira, a maior parte dos entrevistados podem ser considerados de classe média, 66 (sessenta e seis) sujeitos relataram possuir renda entre R\$ 1.531,00 e 5.100,00 reais (valores baseados no salário mínimo de 2010, que equivalia a R\$ 510,00 reais - MP 474/2009) e 32 (trinta e dois) possuíam renda entre R\$ 510,00 e R\$ 1.530,00. Contudo, 29 (vinte e nove) dos sujeitos responderam ter renda menor do que R\$510,00 reais mensais e, ainda, 24 (vinte e quatro) possuíam renda maior do que R\$ 5.100,00, demonstrando que a OA é frequentada também por pessoas com renda inferior ao salário mínimo dos brasileiros e por grupos que gozam rendas consideradas altas para os padrões do país.

O público investigado nos questionários tinha hábitos de frequência à OA variados. Cerca de 30 (trinta) sujeitos entrevistados frequentavam os equipamentos de lazer da OA diariamente, 83 (oitenta e três) relataram frequentar de uma a quatro vezes na semana e 38 (trinta e oito) disseram frequentar raramente, apenas em situações ocasionais e sem periodicidade.

Mas afinal, esse público frequentador da OA e os demais integrantes da população aracajuana e da região metropolitana encontram que tipos de equipamentos de esporte e lazer a sua disposição nesse espaço? O mapeamento dos 6 km de extensão da OA nos permitiu identificar um total de 52 (cinquenta e dois) equipamentos específicos de esporte e lazer, de 21 (vinte e um) tipos diferentes ao longo dos 6km de extensão da OA (Gráfico 1), o que demonstra uma certa diversidade de opções no oferecimento de práticas de esporte e lazer em toda sua extensão.



Gráfico 1: Equipamentos de Esporte e Lazer da Orla de Atalaia

Todos esses equipamentos foram organizados/agrupados em categorias, de acordo com as funções as quais são destinados:

a) Equipamentos físico-esportivos: constatamos que 33 (trinta e três) dos equipamentos de toda OA são destinados a essas atividades e que a maior parte dos entrevistados, 69 (sessenta e nove) pessoas, frequentam esse local para praticar atividades físico-esportivas.

A ênfase em equipamentos de caráter físico-esportivo pode advir de certa tradição consolidada no campo das políticas públicas de lazer focada em ações de construção de praças e/ou quadras esportivas (em muitos casos, apenas uma quadra “poliesportiva”) como tipos-ideais de equipamentos para a cidade ou a população.

A prática esportiva como principal atividade de lazer é tradicionalmente aceita e tem raízes nas origens burguesas do esporte moderno. Conforme Proni⁽¹²⁾, o esporte, da maneira como o entendemos atualmente, tem sua origem na Inglaterra, tendo existido desde o século XVIII, a partir da Revolução Industrial. Nasceu, portanto, com a sociedade industrial, o que o torna inseparável em relação a sua estrutura e funcionamento junto ao sistema social que o gerou. Assim, o esporte foi se estruturando e se organizando de acordo com a evolução do capitalismo mundial, assumindo forma e conteúdo que refletem a ideologia burguesa.

Desde seu surgimento junto à modernidade, o esporte é praticado em clubes fechados, cultuado entre as parcelas sociais, inclusive como distintivo de classes. É nessa leva que o modelo clubístico, popularizado entre a burguesia brasileira ao longo do século XX, apostou fortemente no esporte como “carro chefe” de suas ações. Os clubes continham suas quadras de tênis e piscinas, equipamentos típicos à prática de esportes da elite. Nesse bojo, os equipamentos de lazer esportivos passam a compor o imaginário social com relativa força no tocante a associação entre esporte e lazer.

De outro lado, se o esporte é associado ao lazer pela elite, o mesmo passa a se dar entre as classes populares. Historicamente as classes dominantes empreenderam esforços no sentido de reorientar as atividades populares, oferecendo a essas camadas populacionais atividades controladas, especialmente o esporte-espetáculo, restando a função de público aos menos favorecidos⁽¹³⁾. Evidentemente, as classes populares nunca se restringiram única e exclusivamente a condição de público, organizando-se para conquistar espaços para suas práticas. É aqui também que se encontram esforços nas construções de quadras em bairros distantes dos centros urbanos.

Nesse contexto, é pertinente considerar o peso cultural e histórico que se segue ao entendimento do esporte como principal forma de lazer, o que certamente não escapa à lógica dos administradores públicos.

Entre esses equipamentos pudemos identificar ao menos 3 (três) subtipos: *equipamentos de esportes tradicionais*; *equipamentos de esportes diferenciados*; e equipamentos relacionados a *práticas de atividades físicas* diversas – associadas aos pressupostos da chamada “agenda da vida saudável/estilo de vida ativo” (dados conforme Quadro 1).

Categoria	Sub-Categoria	Equipamentos	Quantidade
Categoria Físico-Esportivo	Esportes Diferenciados	Pista de Patinação	01
		Pista de Kart	01
		Pista de Skate	01
		Pista de Motocross	01
		Parede de Escalada	01
	Esportes Tradicionais	Quadras Esportivas: 12 de Tênis, 02 de Areia, 02 poliesportiva, 01 de futsal 01 de handebol 01 de vôlei 01 de basquete	20
		Campo Futebol Suíço	01

	Atividades Físicas	Ciclovía	01
		Complexo equip. de ginástica	03
		Lagos com pista de caminhada	03

Quadro 1 – Subdivisões da categoria Físico-Esportivo

Entre os *Equipamentos de Esportes Tradicionais* levantamos 20 (vinte) quadras esportivas. Na parte norte da OA fica o Centro Tenístico, composto por 12 (doze) quadras dessa modalidade, oportunamente na região em que se encontra a maior parte dos hotéis de luxo da OA. Na região central da OA temos uma quadra poliesportiva e um campo de futebol suíço, e na região sul é onde se encontra a maioria das quadras de esportes populares (como futebol, vôlei e basquete).

As quadras de tênis, por serem administradas pela Federação Sergipana de Tênis, estão em melhores condições estruturais que as demais quadras, considerando que esse órgão administrativo cobra uma taxa para o uso das quadras.

No que diz respeito às demais quadras esportivas, pudemos constatar a existência de duas quadras poliesportivas, uma situada na região central e outra na região sul da OA. As quadras estavam estruturalmente bem conservadas, tendo a pintura, as grades de proteção, traves, tabelas e iluminação em bom estado de conservação. Contudo, chamou-nos a atenção o fato de uma das quadras e o campo de futebol suíço terem permanecidos trancados durante quase todo o período de observação do espaço da OA, demonstrando que tais equipamentos estão sendo subutilizados, permanecendo mais como elementos da *paisagem* do que propriamente democratizados em relação a seu acesso e uso. Como o uso do campo é limitado, a praia acaba sendo um refúgio para as inúmeras *peladas* e outras atividades. Já as demais quadras esportivas se mostraram em boas condições de conservação e amplamente utilizada pela população local. Um fator relevante para esse amplo uso é a proximidade com o terminal de ônibus público.

Os *Equipamentos de Esportes Diferenciados* também têm espaço na OA. Há equipamentos específicos para patinação, skate, corridas de kart e motocross e parede de escalada. Nestes equipamentos se constatou um avançado processo de privatização, especialmente no kartódromo e na pista de motocross, em que há apenas acesso pago ou restrito aos esportistas pertencentes às respectivas federações. A pista de skate e o paredão de escalada, embora de caráter público, tem notável diferença qualitativa na logística administrativa – os refletores que iluminam a pista de skate são bem mais fracos do que os que, por exemplo, iluminam o complexo de tênis – e falta de utensílios de segurança no local: as escadas para a subida e descida na parede de escalada já estão desgastadas pela maresia e o chão no entorno da parede não tem nenhum minimizador de impactos.

Embora os equipamentos citados acima sejam de acesso gratuito, constatamos, como denunciado acima, a ocorrência da lógica da privatização, sendo o acesso restrito ao pagamento de taxas, por vezes altas. Esse pode ser outro fator que contribui para a amplitude de equipamentos voltados aos interesses físico-esportivos, pois muitas dessas práticas contemporâneas carregam a marca do que Mascarenhas⁽⁴⁾ denomina como “mercolazer”, ou seja, são práticas mercadológicas, que, mais do que se preocupar com a fruição lúdica, visam, antes, ser consumidas. Marcelino⁽¹⁴⁾ alerta que esses equipamentos urbanos para o lazer, “quando concebidos, quase sempre são assumidos pela iniciativa privada, que os vê como uma mercadoria a mais para atrair o consumidor”. (p. 138)

É o caso das pistas de kart e de motocross. Esses são equipamentos de grande porte, entre os maiores de toda Orla e contemplam ótimas condições físicas e de manutenção. Contudo, apenas tem acesso a esses bens o público pagante ou mesmo atletas das modalidades, filiados às associações e/ou federações³. Nota-se, portanto, nesses equipamentos, que as condições de acesso são restritas à população. Resta ao público não pagante (leia-se imensa maioria) a condição de consumidores do espetáculo dessas práticas, enquanto meros expectadores.

³ Referimo-nos a Federação Sergipana de Motociclismo e a Associação Sergipana de Kart.



Figura 1: Kartódromo Emerson Fittipaldi⁴

Esta “privatização” que está acontecendo na OA se deve ao modelo de gerenciamento deste espaço público aracajuano/sergipano, que é realizado em parceria com entidades como Associações e Federações Esportivas. Assim, tais entidades foram contempladas com locais específicos para suas modalidades esportivas na OA e oferecem, em contrapartida, a responsabilidade de gerenciamento dos mesmos.

No caso do kartódromo, está previsto que o equipamento possa ser usado para treino dos membros da Associação Sergipana de Kart e eventos esportivos da mesma. Já nos horários em que essas atividades não ocorrem, a pista é dividida em duas partes para locação de corridas pelo público pagante. As tarifas para uso do kartódromo durante o período de observação eram em média de vinte e cinco reais por 15 minutos de corrida, sendo disponibilizados 6 karts em cada pista. Outra possibilidade que resta ao público usuário da Orla é assistir as corridas de kart, visto que o equipamento conta com um espaço gratuito para observação das corridas e que permanece aberto durante todo seu período de funcionamento. O uso da pista de motocross é, ainda, mais restrito, sendo destinado apenas aos atletas da federação e a eventos esportivos (talvez, por hipótese, por segurança do próprio equipamento e das pessoas que possivelmente, ao usarem tal espaço/equipamento, desconsiderem sua especificidade).

É importante notar que a construção desses equipamentos de lazer se deu ao redor do que denominamos nesse trabalho de “região dos lagos”, um espaço situado na parte central da Orla onde se encontram três lagos artificiais, com pistas para caminhada, corridas ou passeio de bicicletas, o Oceanário (Projeto TAMAR), entre outros. Este talvez seja o principal espaço contemplativo da Orla, visto que o cenário formado pela proximidade dos lagos com a praia oferece um visual edênico ao público. O contato, no entanto, desse espaço com o kartódromo e a pista de motocross produz um dos maiores paradoxos arquitetônicos do local, pois a bela paisagem é invadida pela poluição sonora desses automotivos. Nesse sentido, podemos aferir que a interferência do processo de privatização da Orla influi não apenas em objeções econômicas ao acesso de determinados públicos ao lazer na Orla, como interfere também na estrutura ambiental do local.

Por fim, os *Equipamentos para Atividades Físicas* são aqueles associados às atividades físicas contemporâneas, práticas de movimentação corporal regradas pelos preceitos da vida ativa, ou, nesse caso, pelo lazer ativo. Nesse quesito a OA dispõe de três possibilidades: a ciclovia, os complexos com aparelhos de ginástica e os lagos com pistas para caminhada.

Além dos equipamentos voltados ao esporte normativo, encontram-se na Orla equipamentos de lazer que estão associados às atividades físicas contemporâneas, práticas de movimentação corporal regradas pelos preceitos da vida ativa, ou, nesse caso, pelo lazer ativo. Segundo Fraga⁽¹⁵⁾, o discurso da vida ativa anuncia o binarismo movimento *versus* não-movimento, considerando que:

Educar o corpo para o movimento, pôr em atividade, impelir ao exercício físico, independente do modo de execução, frequência e duração apregoada como ideal para a saúde, há muito tempo tem sido considerado um dos meios

⁴ Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=363815>

mais naturais de livrar a sociedade de males físicos e vícios morais ‘responsáveis’ por certas doenças (p.10).

O estilo de vida ativo, portanto, se oferece como uma forma de oposição aos males provenientes de uma vida sedentária. Nesse cenário, as atividades físicas aeróbicas como caminhar, correr, andar de bicicleta, nadar, dançar, praticar ginástica e musculação ganham destaque como possibilidades de prevenção das doenças cardiorrespiratórias e de aquisição de um bem-estar físico, mental e “social” (segundo a Organização Mundial da Saúde, a OMS).

Contudo, vale destacar que vários autores⁵ têm questionado a respeito dos discursos que dão sustentabilidade aos preceitos da vida ativa, considerando que a saúde não está condicionada apenas à normatividade em relação à exercitação física e determinados comportamentos individuais (os já conhecidos e famosos discursos dos “estilos de vida”, de caráter bastante comportamentalista), antes, consideram que a saúde está atrelada a questões políticas e sociais mais amplas, como o direito a moradia, saneamento básico, trabalho, renda, educação etc. Outro forte argumento busca relativizar a normatividade sobre a exercitação física, compreendendo que “as formas de ser saudável podem ser muitas e tão diferentes como os modos de ser humano”⁽¹⁶⁾ (p.36).

Voltemos às questões estruturais disponíveis na Orla quanto aos equipamentos de lazer voltados às atividades físicas. São três possibilidades: a ciclovia, os complexos com aparelhos de ginástica e os lagos com pistas para caminhada.

A ciclovia atravessa toda OA e possui problemas estruturais e de conservação. Constatamos que este equipamento não tem marcação adequada e em determinadas partes se confunde com o espaço de trânsito das pessoas, colocando em questão a segurança dos transeuntes, sejam ciclistas ou não. Além disso, tal ciclovia é atravessada por ruas ou acessos aos estacionamentos, sua continuidade se perde, não havendo em alguns casos uma visualização clara de qual seja o trajeto adequado.

Os equipamentos de ginástica estão bem conservados quanto à estrutura física, mas não possuem qualquer tipo de orientação quanto ao uso, seja por meio de placas informativas sobre as formas de exercitação possíveis, ou mesmo pela presença de agentes ou monitores especializados na prescrição, orientação e avaliação de atividades físicas. Durante o período do meio da semana, durante o dia, foi observado que esses aparelhos são subutilizados, tendo pouco público. Um dos fatores que pode interferir é a condição climática, com temperaturas altas na maior parte do ano.

O público frequentador dos equipamentos ginásticos é constituído em sua maioria por jovens do sexo masculino. Observamos que o público durante a semana e no período diurno é diferenciado daquele que frequenta aos fins de semana e/ou no período noturno. No primeiro caso observamos crianças e jovens⁶ brincando nos aparelhos. Já aos finais de semana esse equipamento é mais utilizado por jovens para exercitação, possivelmente, jovens de classe social mais elevada, sendo que o que nos leva a afirmar isso foi a indumentária desses jovens, bem como o uso que os mesmos faziam em relação a produtos esportivos tecnológicos de valor mais caro, tais como medidor de frequência cardíaca (*pollar*), *ipod nano* etc. Vale destacar também que os equipamentos ginásticos da Região Central durante o período noturno têm pouco movimento, policiamento e iluminação insuficiente, ocasionada por lâmpadas queimadas, o que gera uma sensação de insegurança neste lugar. Percebemos, em nossas observações, as práticas de consumo de drogas como maconha e *crack* no local e proximidades.

Outros equipamentos de lazer voltados às atividades físicas são os lagos (Figura 3), que, além da função estética de ornamentação do espaço, são contornados por pistas para caminhadas/corridas/passeios de bicicletas. Esses contam ainda com pedalinhas e caiaques para passeios e fonte com águas luminosas.

⁵ Fraga (2006)⁽¹⁵⁾ e Carvalho (2009)⁽¹⁷⁾, entre outros.

⁶ Essa inferência é feita baseada na condição simbólica que esses sujeitos se apresentavam: sem calçados, bicicletas em mal estado de conservação e/ou sem marca, roupas precárias etc.



Figura 2 - Região dos Lagos⁷

Esses equipamentos são um dos mais frequentados da OA, contém um público bastante amplo. Devido ao seu posicionamento próximo à rede hoteleira, observamos a presença de muitos turistas no local, especialmente em feriados e finais de semana, bem como uma ampla presença da população local. O equipamento é utilizado para caminhadas, corridas, passeios de bicicleta ou de pedalinho, passeios familiares ou com animais de estimação e para contemplação da paisagem. Outra característica desse equipamento é a ampla área comercial que se estende ao seu redor. Trata-se de um lugar propício para o fluxo de turistas de diversas localidades, uma vez que se posiciona próximo à rede hoteleira, especialmente em feriados prolongados e finais de semana. Entretanto, em nossas entrevistas, identificamos que a parte norte da Orla apresenta dificuldade de acesso pelos moradores que dependem do transporte público, pois fica distante do Terminal de Integração de Atalaia - Zona Sul e, mesmo os ônibus que transitam pela Orla, não chegam até este local, o que nos leva a pensar numa menor frequência de parte da população que não dispõe de transporte próprio.

b) Equipamentos Infantis: 6 (seis) dos equipamentos da OA são voltados especificamente ao público infantil. Foi levantada a existência de 6 parques, sendo 5 deles de pequeno porte e um de médio porte, denominado “Mundo Maravilhoso da Criança”. Com relação à localização, observamos que os equipamentos voltados às crianças estão distribuídos por toda extensão da OA.

Os parques pequenos possuem características em comum, possuindo brinquedos clássicos como escorregadores, gangorras, balanços e algumas caixas de areia. Esses parques são de acesso livre e gratuito e podem ser considerados em boas condições estruturais. O *Mundo Maravilhoso da Criança* se constitui como o principal equipamento dessa categoria, seu espaço é constituído por 3 mini-parques com gangorras, escorregadores, balanços, um carrossel na parte central e ao fundo há um mini-kart, dois espaços cercados para passeios em carrinhos eletrônicos. Nesse local encontram-se também brinquedos itinerantes que são ofertados pela iniciativa privada nos momentos de maior movimento, tais como pula-pula e até mesmo um trenzinho que circula pela OA. Há, ainda, no local uma barraca de venda de sorvetes e um banheiro público.

O período mais frequentado desse parque é o noturno, com aumento considerável de público aos finais de semana. O público do parque é constituído basicamente por crianças acompanhadas de familiares e/ou responsáveis. Os brinquedos mais procurados são os carrinhos eletrônicos e o mini-kart. Algumas das crianças ocupam os espaços públicos enquanto esperam a vaga nos brinquedos pagos.

A principal característica desse equipamento é sua ambivalência na esfera pública e privada. Verificamos que parte dos brinquedos disponíveis nesse local é de acesso livre e caráter gratuito, e outra parte de seus atrativos são geridos pela iniciativa privada e o acesso é pago, como o carrossel, o mini-kart, os carros eletrônicos e o trenzinho.

⁷ Fonte: <http://maps.google.com.br>

Há também uma intensa atividade comercial no local voltada ao público infantil e seus familiares. O interior e os arredores do parque têm presença constante de vendedores ambulantes de diferentes produtos, desde brinquedos artesanais até doces, CDs e DVDs piratas. A intensa atividade comercial nesse espaço revela a inter-relação entre consumo e infância que perpassa o local, evidenciando que, mais do que parque, o *Maravilhoso Mundo da Criança* é um dos principais pontos de oferta de bens e serviços à população, além de incitar ao consumo e de movimentar a economia informal da OA.

Constatamos que, embora toda extensão da OA tenha parques, outros espaços são apropriados pelas crianças para suas brincadeiras, como as quadras esportivas, os equipamentos ginásticos, entre outros, o que nos permite considerar que os espaços infantis e o direito ao lazer para as crianças estão assegurados pelo poder público. Entretanto, de igual maneira, constatamos que apenas a existência de equipamentos de lazer voltados ao público infantil não basta, sob a perspectiva das políticas públicas, para assegurar plenamente o direito ao lazer infantil. Conforme alerta Marcellino⁽¹⁴⁾, é preciso que sejam asseguradas, também, políticas que incentivem a produção cultural “das” crianças, e não apenas a oferta de produção cultural “para” as crianças.

O *Mundo Maravilhoso das Crianças* oferta ao público infantil produtos culturais projetados “para” as crianças enquanto mercadorias a serem consumidas. Este fato faz com que determinadas crianças tenham acesso a esses bens, enquanto outras são excluídas por questões econômicas. Os produtos destinados às crianças também não propiciam a interação, o convívio social, nem tampouco estimulam a criatividade e a produção cultural, uma vez que são brinquedos individuais/individualistas.

Nessa direção, chamou-nos atenção a pouca oferta de atividades culturais mais autênticas e com potencial artístico às crianças. Durante as observações constatamos que são raras as atividades de teatro infantil, não há a presença de animadores sócio-culturais fomentando atividades lúdicas e culturais que permitam a integração das crianças, bem como a produção cultural por parte delas. Na mesma direção não identificamos nenhum projeto de escolas visitando a Orla em atividades educacionais organizadas. Este fato chama a atenção para a necessidade de tornar permanentes as atividades como estas voltadas ao público infantil⁸.

Para Marcellino⁽¹⁴⁾, a ausência de ações que permitam a produção cultural por parte das crianças em seu lazer pode ter como consequência “[...] a diminuição das ocasiões de reunião das crianças, isto é, das brincadeiras coletivas, tão importantes no aprendizado da vida em grupo e no desenvolvimento do sentimento comunitário”. (p.136)

c) Equipamentos para Jogos de Mesa: outra marca da OA são os equipamentos destinados aos jogos de mesa, tais como dama e xadrez, jogos de cartas, dominó etc. Foram encontrados 4 equipamentos que são destinados a essas atividades. Embora sejam equipamentos de médio porte, consideramos que a quantidade desses é pequena se comparada à categoria físico-esportivo. Esses equipamentos, de modo geral, são pouco utilizados, especialmente para as funções as quais foram designadas, sendo comuns os registros de uso dessas mesas como espaços para alimentação, para bate-papos entre as pessoas, consumo de bebidas alcoólicas etc., o que, de certa forma, garante um caráter de *multifuncionalidade* do espaço.

Percebemos a condição precária em que se encontram os equipamentos neste local, por exemplo, as pinturas se encontram mal conservadas e a iluminação para utilização noturna encontra-se em grande parte deteriorada e sem manutenção adequada (esses locais também são os mais isolados durante a noite, causando maior sensação de insegurança – daí ser comum registros desses equipamentos sendo utilizados para o consumo de drogas ou mesmo como abrigo para pessoas de baixa renda dormir durante a noite).

⁸ Com exceção de dois acontecimentos anuais, o “Dia da criança”, em que se comemora com atividades de lazer, esporte e entretenimento destinado às crianças, e um outro acontecimento, “O Boneco do Sesi” (Serviço Social de Indústria), evento realizado com peças teatrais de animação gratuitas envolvendo fantoches, marionetes dentre outros espetáculos com a participação do público. Maiores informações disponíveis em: <www.sesibonecos.com.br>.

Essas atividades de lazer são responsáveis pela sociabilidade entre os grupos de maior idade na sociedade, além de preservarem um importante patrimônio cultural que vem se perdendo frente às possibilidades de lazer moderno, ancoradas em pressupostos consumistas.

Consideramos equipamentos para jogos de mesa aqueles que são constituídos por alguns conjuntos de mesas marcadas para tais atividades e que se encontram reunidas em um mesmo espaço.

Em um estudo realizado por Peixoto⁽¹⁸⁾, a autora revela a importância dos espaços de jogos de mesa para os idosos e sua sociabilização a partir da dinâmica que se estabelece nesses locais, conforme o trecho a seguir:

O que está em jogo para esses jogadores é, sobretudo, passar o tempo: um tempo vivido no meio de sensações de sucesso e derrota que atravessam as partidas de cartas, de xadrez ou de gamão [...] Desse modo, a escolha dos parceiros, bem como dos adversários, é definida por critérios precisos como jogar bem, jogar honestamente, jogar alegremente etc. E como os jogadores não possuem todas essas qualidades ao mesmo tempo, a escolha recai sobre a representação que se tem do jogo. Se o importante é distrair-se, a seleção se faz entre os jogadores divertidos, mesmo que eles não sejam os melhores. Nessas mesas, as brincadeiras provocam risos constantes e invertem a ordem silenciosa do jogo. Outros escolhem como parceiros os jogadores honestos e sérios, mesmo que eles não joguem tão bem assim: as trapaças são proibidas e o respeito às regras do jogo é fundamental.

Nessa direção, percebemos que as mesas de jogos da Orla não têm atraído o público idoso, nem qualquer outro público interessado em jogos de mesa, dada as condições estruturais das mesmas para essas práticas específicas ou mesmo pela ausência de incentivo a preservação dessas atividades por meio de projetos específicos.

Nossa constatação é que há um ganho na apropriação multifuncional atribuída a esses equipamentos, mas por outro lado há ausência das práticas para as quais esses equipamentos foram desenvolvidos, ocasionando uma diminuição da apropriação desses por grupos de idades mais avançadas ou mesmo a perda do patrimônio cultural dos jogos de mesa no âmbito do principal espaço de lazer da cidade de Aracaju.

d) Equipamentos sociais, culturais e outros: estes são os equipamentos com menor representatividade na OA. Foram considerados equipamentos de sociabilidade uma casa noturna/boate (particular – segundo dados de 2012, está abandonada há mais de um ano, abrigando moradores de rua), uma ampla praça destinada à realização de shows e um pequeno salão de eventos. Todos os três equipamentos se situam relativamente próximos uns dos outros e próximos à região de maior número de hotéis. Os equipamentos culturais são compostos por um Oceanário e dois centros de arte e artesanato. A categoria *Outros* incorporou equipamentos que não se enquadraram nas anteriores, como uma *lanhouse*, um pombal e uma pequena área destinada a aeromodelismo.

A parcela de equipamentos que se destina à sociabilidade e à cultura está ligada à indústria do turismo e por isso se encontram localizadas próximas à rede hoteleira. Alguns desses equipamentos, inclusive, mostraram-se subutilizados, estando na maior parte do período de observação da pesquisa fechados ao público e sem qualquer atividade, a exemplos do pombal, da *lanhouse*, pista de aeromodelismo, galeria de arte e salão de eventos. Os equipamentos dessas categorias mais procurados pelo público são o Oceanário, a Praça de Eventos e o Centro de Arte e Cultura, que no período noturno oferece em seus arredores uma feirinha de artesanato.

O Oceanário compõe a sede física do Projeto Tamar⁹ em Aracaju. É um espaço de divulgação da cultura preservacionista, de apresentação de informações sobre animais marinhos e que, portanto, contribui para o processo de enculturação humana. Além disto, seu espaço é como

⁹ O Projeto Tamar-ICMBIO designa o Programa Brasileiro de Conservação das Tartarugas Marinhas. Instalado em diferentes estados brasileiros, sua função é proteger espécies de tartarugas marinhas presentes na costa brasileira, bem como realizar pesquisa científica. Para maiores informações ver <<http://www.tamar.org.br>>.

uma exposição, uma galeria de artefatos naturais. Trata-se, em última análise de um equipamento de lazer voltado ao patrimônio natural do país. É, portanto, um bem de divulgação cultural. Seu acesso é pago, porém, a verba é revertida em função da manutenção do projeto.

Já o Centro de Arte e Cultura J. Inácio é um espaço de exposição e comércio do artesanato local, sendo um local destinado às cooperativas e artesãos organizados do estado de Sergipe. É possível encontrar peças em renda, bordados, cerâmicas, esculturas em barro, madeira e palha, peças de tapeçaria, redes e objetos de decoração em geral. Aos finais de semana o Centro abriga o *Projeto Manifestações Populares*, que tem por objetivo ser palco para diversas manifestações culturais do Estado. Esse espaço foi inaugurado em setembro de 2004 e passou por uma reforma e ampliação em 2008, sendo gerenciado pela Secretaria de Estado da Inclusão, Assistência e do Desenvolvimento Social – Seides.

A Praça de Eventos de Atalaia é o principal palco de Shows e eventos de grande porte da OA, como o *Arraiá do Povo* (durante as comemorações de São João, em junho) e a *Feira de Sergipe*, destinada a divulgação e comercialização do artesanato, (normalmente realizada no início do ano). Esta área é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Infraestrutura (SEINFRA), que responde pela cessão desse espaço público. Normalmente são realizadas no espaço parcerias entre a SEINFRA e a iniciativa privada, ou mesmo estatal para promoção de eventos no local.

As observações e análises desses equipamentos indicam que o acesso à cultura e atividades de sociabilidade na OA foram garantidos ao público, ao menos no que se refere à garantia dos espaços. Quanto à manutenção e condições estruturais, esses equipamentos encontram-se em bom estado de conservação – o Oceanário por ter fontes de manutenção específicas, como o patrocínio da Petrobras, e o Centro de Arte e Cultura, bem como a Praça de Eventos, por esforços das Secretarias responsáveis pela administração. Contudo, o acesso pago a shows e eventos na OA tem sido uma das maiores barreiras ao lazer cultural, além da carência de pontos de ônibus nesta região em que esses eventos acontecem.

A polêmica sobre o uso privado desse espaço chamou a atenção até mesmo do Ministério Público Estadual (MPE), que em 2009 promoveu uma audiência referente à utilização indevida da Praça de Eventos da Orla para shows particulares. Para o promotor de Justiça do Meio Ambiente e Urbanismo, Renê Erba:

A Praça de Eventos da Orla é um espaço público, constituindo-se um bem de uso comum do povo, e o MPE entende que só pode ser permitida a realização de eventos que sejam abertos ao público em geral, isto é, ainda que realizado por particulares, não haja cobrança de ingresso”, explica o promotor. Além do que se refere à utilização do espaço público para festas pagas, o promotor levantou também o problema da poluição sonora e da degradação ambiental. [...] ‘Pode estar havendo uma degradação ambiental por conta do lixo produzido e dos banheiros químicos, por exemplo, e uma emissão sonora que passa dos limites, caracterizando o crime ambiental’.¹⁰

O acesso pago aos equipamentos de lazer cultural e/ou social na Orla com finalidades lucrativas não apenas restringe a população local de usufruir desses bens, como exemplifica bem o caráter mercantil que o lazer assume frente à indústria do turismo no Estado.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS AINDA SOBRE A ORLA

No quesito limpeza observamos que a OA é limpa todas as manhãs, de segunda a sábado, por uma equipe terceirizada. Os dados obtidos com os questionários nos mostraram que 75 (setenta e cinco) dos entrevistados julgaram a limpeza da OA na região em que mais frequentam como regular e 66 (sessenta e seis) avaliaram como bom, indicando satisfação parcial ou satisfação com esse aspecto. Apenas 10 (dez) consideraram a limpeza na OA e seus equipamentos de esporte e lazer ruim. Outro problema relacionado à limpeza é o fato de não haver número suficiente de banheiros públicos na OA, são apenas três nos seis quilômetros de extensão.

¹⁰ As informações sobre esse caso foram divulgadas em alguns veículos de imprensa de Aracaju. Veja mais em < <http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=91924&titulo=cidade>>.

A segurança na OA também foi considerada no estudo. Sobre esse item constatamos que a presença de uma Delegacia de Turismo, uma Companhia de Policiamento Turístico (CPtur), da Polícia Militar, e um posto policial. Observamos também que policiais militares de bicicletas fazem rondas pela OA em períodos específicos, como nos horários de maior movimento, aos finais de semana e no turno noturno. Apesar do esquema de segurança, apenas 27 (vinte e sete) dos entrevistados consideraram o local seguro, 45 (quarenta e cinco) julgaram a segurança ruim e 79 (setenta e nove) consideraram esse serviço regular. Nossas observações também nos ajudam a afirmar que alguns trechos da OA se apresentam menos seguros.

O transporte público “na” ou “para a” OA também foi analisado no estudo. A maior parte dos entrevistados, 72 (setenta e dois), apontaram que utilizam o carro como meio de transporte para aquele local. Apenas 24 (vinte e quatro) utilizam o transporte urbano público. A metade, 12 (doze), dos entrevistados que utiliza o meio de transporte público para tal espaço considerou esse serviço ruim e 11 (onze) acham regular o serviço. As observações nos mostraram que não há ônibus suficiente em toda extensão da OA.

Segundo nossa análise, toda extensão da Orla é repleta de bancos/acentos e lixeiras. Esses materiais são encontrados em maior número do que os demais elementos considerados no estudo. É possível aferir que são bem distribuídos espacialmente e em quantidade suficiente, porém, muitos lixeiros estão em más condições ou destruídos, seja por atos de depredação do patrimônio público por parte da população em geral que utiliza tal espaço/equipamentos ou mesmo pelo desgaste natural ocasionado pelas condições climáticas, o que pode interferir na limpeza da Orla.

No gráfico abaixo (Gráfico 2), visualiza-se todo levantamento de materiais e espaços que dão suporte aos equipamentos de esporte e lazer na OA.

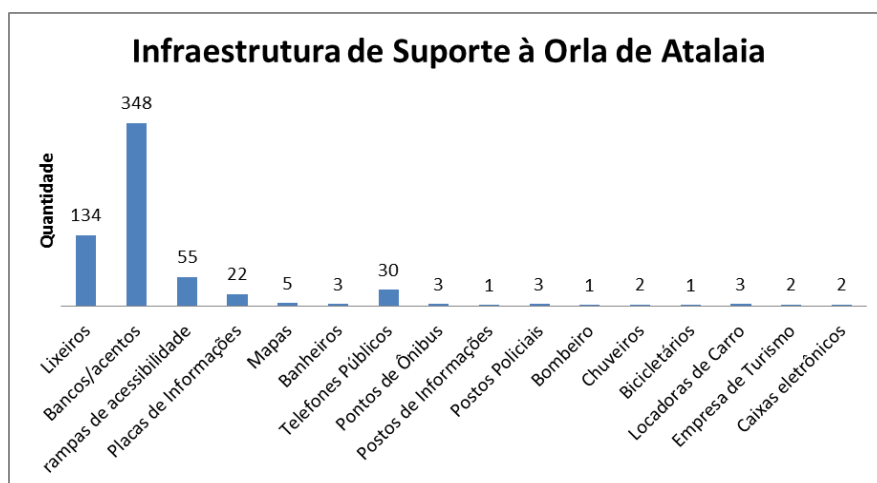


Gráfico 2: Infraestrutura física e material de suporte aos equipamentos

Por fim, outros aspectos da infraestrutura poderiam ser analisados, entretanto, por força de tornar o texto mais objetivo, optamos por recortar aqueles assuntos que mais nos chamaram atenção e que podem ter repercussão positiva sobre o desenvolvimentos de futuras políticas públicas de esporte e lazer na Orla de Atalaia, visando a melhoria dos aspectos administrativos, de acessibilidade da população e de garantia das condições plenas para o esporte e lazer em Aracaju.

É preciso destacar que a OA possui, além dos itens analisados, uma estrutura de ornamentação e de bens culturais, tais como esculturas, monumentos em homenagem a personalidades nacionais e estaduais, que não foram levantados no estudo, e que se destacam positivamente. A presença desses elementos demonstram uma preocupação do poder público em ofertar uma política de lazer que se preocupe também com a formação de seus cidadãos e com o seu bem estar na cidade.

Outro aspecto desconsiderado nesse estudo devido às condições temporais e humanas que são intrínsecas a um projeto como este, deve-se à ampla rede de lazer cultural-gastronômica que se estende por toda Orla. É preciso apontar aqui que a dimensão da culinária é uma fonte de lazer

para grande parte dos frequentadores da Orla, devido à grande quantidade de bares, lanchonetes, restaurantes, barraquinhas de alimentação que se fazem presentes ao longo de todo esse espaço.

Entretanto, voltamos a destacar que, mais do que esgotar todas as possibilidades de análises que se fazem presentes sobre o tema, nossa intenção aqui é destacar os pontos de maior relevância ao poder público para a avaliação e busca por melhorias das políticas públicas de lazer da cidade, buscando garantir à população de Aracaju, sergipanos da região metropolitana e do interior do estado, bem como seus turistas e visitantes, o pleno usufruto do direito ao lazer e ao esporte na cidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos possibilitou compreender melhor as possibilidades de lazer dos aracajuanos, sergipanos e turistas em geral no que se refere às condições estruturais da OA. Pudemos constatar que praticamente metade das pessoas abordadas em nosso estudo, 74 (setenta e quatro), consideraram as condições estruturais (estado de conservação, acessibilidade, manutenção etc.) dos equipamentos de esporte e lazer que mais utilizam como “regulares”. Isto indica a necessidade do poder público ouvir esses sujeitos sobre suas demandas específicas no tocante à preservação/forma de manutenção e gestão desses, mesmo que outra parcela significativa, 69 (sessenta e nove) dos entrevistados tenha considerado as condições estruturais boas.

É possível notar que em quase toda extensão da OA há equipamentos de lazer que estão administrados sob uma lógica privatizada, colocando em evidência um processo de mercadorização do lazer num espaço eminentemente público da cidade.

Os dados indicam, ainda, que há escassez de políticas públicas voltadas à acessibilidade dos cidadãos, visto a falta de planejamento de transporte público adequado ou mesmo de políticas de acesso da população aos bens que se encontram privatizados na OA. Nessa mesma lógica pudemos perceber que as políticas públicas de lazer na OA se resumem à concessão do espaço (muitas vezes a entidades de caráter privado) e a manutenção dos equipamentos.

Desse modo, não constatamos durante o estudo a presença do desenvolvimento de projetos ou ações por parte da gestão pública a fim de ampliar a participação popular no uso/ocupação ou mesmo no gerenciamento da OA.

Sobre essa constatação, 142 (cento e quarenta e dois) dos entrevistados se mostraram favoráveis à necessidade do poder público instituir programas, projetos ou outras ações que estimulem as práticas esportivas ou de lazer na Orla. Por exemplo, no campo educacional poderia haver projetos que levassem estudantes de escolas públicas em passeios pedagógicos na Orla e seus equipamentos de esporte e lazer, atribuindo maior sentido aos equipamentos culturais e artísticos na formação dos jovens cidadãos. Vislumbra-se também a possibilidade de parceria entre Estado e universidades para o desenvolvimento de atividades de extensão à comunidade nos equipamentos de lazer da Orla, especialmente no desenvolvimento do esporte comunitário e das práticas de lazer socializantes, entre outros.

Outros dados dos questionários apontam que 66 (sessenta e seis) dos entrevistados consideram relevantes que profissionais e monitores se façam presentes em horários e dias específicos para prestação de orientação e estimulação as práticas esportivas e de lazer desenvolvidas em equipamentos específicos da OA, como, por exemplo, nos equipamentos de ginástica.

Diante disso, podemos dizer que se torna urgente a implantação de políticas públicas não só de manutenção física do espaço da Orla e de seus equipamentos, mas, sobretudo de incentivo à participação e gestão popular, de acesso irrestrito aos bens e práticas desse local, de incentivo a utilização desse espaço nos horários de menor fluxo através de parcerias com as redes públicas de educação e outras, além da oferta de mais atividades culturais como teatros, apresentações públicas de cinema, shows de artistas locais sem caráter mercadológico, ou mesmo de incentivo ao desenvolvimento do esporte comunitário e de participação.

Cabe ao gestor público, portanto, compreender as políticas públicas em sentido amplo, vislumbrando o lazer em conexão com as questões urbanas no geral, seja em relação ao

transporte, à segurança, à educação, à cultura etc. Afinal, se os equipamentos de esporte e lazer da Orla de Atalaia estão à disposição da população, cabe aos gestores e administradores públicos incentivar e potencializar a apropriação desses pela população, especialmente àquela parcela que não tem acesso aos bens privados de lazer da vida contemporânea.

-
1. Trivinhos ANS. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.
 2. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
 3. Costa Neto PLO. Estatística. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.
 4. Pinto LMSM *et al.* O lazer. In: Pinto LMSM *et al.* (Org). Brincar, Jogar, Viver: intersectorialidade com o PELC – Volume I, n.1, Novembro de 2008.
 5. Mascarenhas F. “Lazerania” também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.73-90, mai/ago 2004.
 6. Lefebvre H. O direito à cidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
 7. Pellegrini AD. Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer. 185p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Unicamp. Campinas: 1999.
 8. Bauman Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
 9. Marcellino NC (org). Espaços e equipamentos de lazer em Região Metropolitana. Curitiba: OPUS, 2007.
 10. Santini RCG. Dimensões do Lazer e da Recreação. Questões espaciais, sociais e psicológicas. São Paulo: Angelotti, 1993.
 11. Adorno TW, Horkheimer M. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
 12. Freitag B. Escola, Estado e Sociedade. 4. ed. revista. São Paulo: Moraes, 1990.
 13. Proni MW. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: Proni M, Lucena R. (orgs.). Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.
 14. Melo VA, Junior EDA. Introdução ao Lazer. Rio de Janeiro: Manole, 2003.
 15. Marcellino NC. (org). Políticas Públicas de Lazer. Campinas: Alínea, 2008.
 16. Fraga AB. Exercício da Informação: Governo dos Corpos no Mercado da Vida Ativa. Campinas: Autores Associados, 2006.
 17. Silva AM. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores associados, 2001
 18. Carvalho YM. O ‘mito’ da atividade física e saúde. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
 19. Peixoto CE. A Sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v.27, n.10, p.138-149, 1995.